

Introdução	3
I. « Voltar à fonte »	
Vocação e Missão.....	7
I-1 Vocação.....	7
I-2 Missão.....	8
I-3 Ação	11
II. « Ter em conta as necessidades e valores da época em que vivemos »	
Um mundo em mudança interpela as ENS.....	13
III. « Visualizar uma perspetiva..., a direção em que é preciso convidar o Movimento a prosseguir...»	
Quais os desafios concretos a que o Movimento pode responder, e como?.....	19
III-1 Discernir e Acolher	20
III-2 Discernir e Acompanhar	24
III-3 Praticar «a arte do acompanhamento»	26
Conclusão.....	33



Equipas Notre-Dame

Vocação e Missão no limiar do terceiro milénio

Introdução

As transformações do mundo em que vivemos reforçam a urgência de discernir e acolher, com esperança e audácia os sinais dos tempos. As Equipas de Nossa Senhora (ENS) presentes no mundo inteiro e reunidas por ocasião deste XII Encontro Internacional em Fátima não podem alhear-se disso.

Já em 1988, por ocasião do VI Encontro Internacional em Lourdes, a Equipa Responsável Internacional tinha procurado, num documento intitulado “O Segundo Fôlego” analisar “*as necessidades prioritárias*” dos casais da época e propor, afim de lhes dar resposta, algumas pistas para suscitar a criatividade dos membros das equipas e evitar a estagnação.

Em trinta anos, é evidente que a realidade conjugal e familiar não cessou de evoluir e o ambiente em que vivem os casais de hoje não tem nada de comum com o que se passava em 1947, data em que foi proclamada a Carta, ou com a data de 1988 do “Segundo Fôlego”, ainda que a questão fundamental expressa pelo Padre Caffarel em 1939 permaneça: “**Como amar à semelhança de Cristo?**”.

Num mundo materialista e marcado pelo ateísmo, parece que os casais cristãos que fazem a experiência incomparável da riqueza do matrimónio por meio da sua vida eclesial e sacramental,

Vocação e Missão

já não podem contentar-se em testemunhar o valor deste modelo conjugal. Numa sociedade que não aceita mais um sistema de verdades pré-estabelecidas, é indispensável, se não queremos faltar á nossa missão apostólica de batizados unidos pelo sacramento do matrimónio, demonstrar e justificar pela nossa ação como as características do matrimónio cristão são compreensíveis, admissíveis e benéficas sob o ponto de vista humano, mesmo quando não esclarecidas pela fé.

A nossa experiência de fé cristã faz de nós testemunhas privilegiadas, não para impor os nossos costumes a uma sociedade que os não quer, mas para revelar as características do êxito do amor humano a uma sociedade que as oculta. O desafio hoje é encontrar novas maneiras para provar, sobretudo aos jovens, que o casal e a família não são fonte de prisão, mas, pelo contrário, são fonte de liberdade interior, de abertura, caminho de felicidade e caminho para Deus.

O Padre Caffarel, ao longo de toda a sua vida, não cessou de repetir que um movimento para se manter vivo tem de evoluir. Para ele, um movimento vivo é um movimento que se constrói em cada dia, graças à ação dos seus membros. Eis porque a ERI, no limiar deste terceiro milénio, quis partilhar convosco as suas reflexões sobre o futuro do Movimento.

O estudo do Discurso de Chantilly, pronunciado pelo Padre Caffarel a 3 de Maio de 1987 por ocasião dum encontro de regionais europeus, e que tem sido uma referência no seio das Equipas de Nossa Senhora, orientou-nos na conceção deste documento. O Padre Caffarel, com o seu espírito profético, tinha já previsto novas situações que surgiriam ao nível do Movimento, tendo em conta as grandes transformações que se anunciavam no mundo e na Igreja.

Ele enunciava três princípios a observar quando se tem em vista um aggiornamento sobre a questão “*Que missão o sacramento do matrimónio dá ao casal?*”.

Esses princípios são os seguintes:

- I. « *Voltar á fonte porque, por vezes, a fonte está assoreada, a fonte que se chama o carisma fundador* »
- II. « *Ter em conta as necessidades e os valores da época em que vivemos* »
- III. « *Discernir uma perspetiva..., a direção em que é necessário convidar o Movimento a progredir..., sempre vinculado ao carisma fundador* ». Ele frisava que a noção de fidelidade ao carisma fundador é de importância capital, mas que « *é preciso não confundir ser fiel a ser passivo* »

Numa primeira parte, nós iremos então á fonte, como nos convidava o Padre Caffarel, para distinguir os elementos imutáveis **da vocação e da missão ligados ao carisma fundador**, das margens de liberdade para responder aos desafios da nossa época.

A segunda parte deste documento tentará colocar a tónica nos aspetos essenciais da “**mudança da época**” que estamos a viver, quer os positivos, quer os negativos.

Na terceira parte, serão sugeridas pistas que poderão ser experimentadas no terreno com a ajuda e suporte do Movimento que deseja, no seio da Igreja, ser uma força de proposição e ser ator no quadro da espiritualidade conjugal, núcleo central do carisma fundador.

Vocação e Missão

Este documento “**Vocação e Missão no limiar do terceiro milênio**” é o fruto da dinâmica sinodal posta em prática nas Equipas de Nossa Senhora para responder à Exortação do Papa Francisco dirigida à Igreja Universal “*para uma nova etapa evangelizadora*” (EG1)

I. « Voltar à fonte »

Vocação e Missão

I-1 Vocação

A Palavra vocação tem origem no verbo latino *vocare* que significa “chamar”. O padre Caffarel, num exemplar de *l’Anneau d’Or* intitulado: “*O Matrimónio, esse grande sacramento*” explicita bem o apelo dirigido aos casais unidos pelo sacramento do matrimónio. O casal cristão, diz ele, é “*eleito*”, “*chamado*” por Deus. Do mesmo modo que o batismo consagra o indivíduo, o sacramento do matrimónio é sinal de Deus que consagra o apelo do casal cristão. O sacramento do matrimónio é sinal de aliança entre Cristo e a Igreja, aliança entre Deus e o mundo. Deus é fonte de amor. É Deus que derrama o seu amor sobre o amor humano para que o casal se abra a este mundo que Deus ama e pelo qual enviou o seu Filho. O amor conjugal transforma-se, desde que o casal cristão, assim introduzido no Reino de Deus, aceite tornar-se célula da Igreja. Esta transformação opera-se então pouco a pouco, ao longo da sua existência porque “*seguir Deus*” é exigente.

O caminho de santidade que o casal escolhe iniciar no dia do seu matrimónio continua por toda a vida. É uma longa peregrinação que deve em cada dia afastar-nos do pecado para nos conduzir a Deus. Pelo sacramento do Matrimónio, a unção do Espírito Santo inunda os nossos seres e acompanha-nos. Como diz o Padre Louis de Raynal no seu livro “*A Boa Nova do Matrimónio*” “*podemos falar do matrimónio como um sacramento permanente.*” A vocação do casal e da família para fazer da sua vida cristã uma vida de comunhão com Deus é acompanhada pelo amor de Cristo que une,

Vocação e Missão

restaura, aperfeiçoa lentamente o casal, *“obra prima de Deus”*, como afirma o nosso fundador. Conduzir cada casal unido pelo sacramento do matrimónio a transformar em Cristo a sua vida conjugal e familiar é claramente a intuição de base do nosso Movimento. Espiritualidade e ação enriquecem-se mutuamente.

Dois cristãos que escolhem unir-se pelo sacramento do matrimónio comprometem-se então um perante o outro mas também perante a Igreja. Pio XII na *“Mystici Corporis”* declarava: *“Cristo providenciou de maneira particular as necessidades orgânicas da Igreja pela instituição de dois sacramentos: o matrimónio e a ordem”*, dois sacramentos complementares *“ordenados para salvação de outrem”* (Catecismo da Igreja Católica – 1534)

I-2 Missão

Como para toda a vocação, o apelo de Deus ao casal cristão é acompanhado por uma função a exercer para o seu serviço. Desde logo, todo o cristão pelo facto do seu batismo e pela sua confirmação deve contribuir para o crescimento da Igreja. Mas o casal cristão deve nela empenhar-se duma maneira específica, insubstituível.

O primeiro aspeto desta missão apostólica é o de fazer conhecer Deus, de proclamar o Seu amor. Com efeito, como dizia S. Paulo, o amor impele-nos a anunciar aos outros a Boa Nova e a partilhar as riquezas espirituais da vida com Deus. O Padre Caffarel via já nesta missão uma resposta ao desafio lançado aos cristãos para combater o ateísmo que se apodera do nosso mundo.

O segundo aspeto desta missão apostólica é a consciência da paternidade responsável do casal, como lembrava João XXIII. O Padre Caffarel sublinhava que Deus nos confiou a tarefa de sermos junto dos nossos filhos, testemunhas e profetas do Seu amor. A família é o meio onde se alimenta a fé. É lá que os filhos têm o primeiro contacto com a fé. No “ O Casamento, esse grande sacramento) o Padre Caffarel declara: Escutai Cristo a dizer-vos: “*É convosco e por vós, pais, que eu quero multiplicar e formar novos filhos do Pai do Céu.*” É impossível pensar numa sociedade nova sem uma família renovada. É lá que se educam e se formam “*os homens novos capazes de transformar o mundo*” (Cardeal Pironio).

Mas o Padre Caffarel não limita a missão apostólica do casal cristão aos filhos; o terceiro aspeto desta missão deve-os levar a interrogarem-se sobre o que devem fazer por todos aqueles que, no mundo, esperam a Boa Nova do matrimónio.

Para o Padre Caffarel, o casal cristão e a família devem exercer um apostolado de acolhimento e de hospitalidade, uma função de mediação entre o mundo e a Igreja. Eles devem ser estalagens no caminho da Igreja para as pessoas ou casais frágeis, isolados, desanimados, traumatizados, para os principiantes... O Padre Caffarel qualificava o lar cristão “*Instrumento de apostolado excepcionalmente eficaz*”. Propor o casamento indissolúvel como opção de vida não deve levar-nos a perder a capacidade e a vontade de acompanhar todos aqueles que têm sede de amor. As Equipas de Nossa Senhora convidam os casais que as integram a viver um caminho de santidade, tomando Jesus como companheiro de caminho, fazendo florir as graças do matrimónio alicerçado na indissolubilidade e na fidelidade. Os não crentes, pensava o Padre Caffarel, deveriam poder familiarizar-se com a Igreja frequentando os lares cristãos.

Vocação e Missão

O Padre Caffarel deixa bem claro que este apostolado do casal cristão não deve limitar-se ao círculo familiar e de alguns amigos. Para ele, esta caridade que nos é insuflada por Cristo deve irradiar-se amplamente à nossa volta e ser fermento de unidade para o mundo. Ele vai mais longe, ultrapassando a simples meta do testemunho e da irradiação. As suas propostas são inequívocas: *“O apostolado não é somente um testemunho e uma irradiação, é também um dever obrigatório.”* Para ele, há uma interdependência estreita entre amor conjugal e o apostolado. O que S. Paulo chama ao casal Áquila e Priscila: *“Meus auxiliares de apostolado”*, é preciso que Cristo possa dizê-lo do casal cristão. Fazendo verdadeiramente parte do Corpo Místico, o casal não pode contentar-se em receber, ele deve dar e ser sujeito ativo.

O nosso fundador sempre instigou as Equipas de Nossa Senhora para que não permanecessem centradas sobre si próprias, gozando o conforto de ficarem entre si, sem se confrontarem com o que se passa à sua volta. Daí esta exortação lírica que o Padre Caffarel coloca na boca de Deus, quando do seu discurso em Roma, em 1970, intitulado *“Face ao ateísmo”*, enunciando: *“Casal humano... compreendes bem a esperança imensa que em ti coloco? Tu és portador da minha reputação, da minha glória, tu és para o universo a grande razão de esperança...porque tu és o amor.”*

Estas advertências repetidas do Padre Caffarel demonstram, ao contrário do que por vezes podemos ouvir, como a missão desempenha, na sua maneira de ver, um papel essencial, porque não pode haver vocação sem missão... No Discurso de Chantilly ele recorda-nos a palavra de Cristo: *“A árvore será julgada pelos seus frutos”* e ele insiste acrescentando *“não pela sua beleza, mas pelos seus frutos..., não se trata de cultivar a sua beleza, mas trata-se de participar nesta evolução da criação que tende para um termo.”*

Para ele, o nosso campo de missão é especificamente o do matrimónio. É por isso que, num mundo onde o matrimónio cristão e a família não representam um caminho de felicidade e santidade senão para uma minoria, é tempo de nos interrogarmos sobre a legitimidade da mensagem das Equipa de Nossa Senhora hoje, para o seu exterior, e refletir para suscitar respostas novas e adaptadas à situação, se não queremos afastar-nos do nosso próximo e com isso deixarmos de ser apóstolos.

I-3 Ação

O que o Padre Caffarel reprovava, não era a ação em si mesma, mas uma ação desconectada da sua fonte divina. É aí que está o papel insubstituível da equipa de base que nos ajuda a revitalizar. Com efeito, as diferentes formas de apostolado são atribuídas ao casal por Deus que está na origem de todo o amor. É deste amor que brota a graça que é dada ao casal cristão e o fortifica. Para que esta fonte não se esgote, para que os nossos empenhamentos apostólicos sejam fecundos, o Padre Caffarel convida-nos a *“tomar posição unido a Cristo”*. É por uma fé viva, alimentada na Palavra, pela oração e a contemplação que o casal pode deixar-se penetrar cada vez mais pelo olhar de Cristo sobre o mundo, sobre os seus acontecimentos. É assim que se opera a transformação do nosso casal para o ajudar a melhor discernir e agir segundo a perspetiva de Cristo.

A Palavra de Cristo no Evangelho faz do casal uma comunidade de amor. Daí brota a força missionária do casal. O Padre Caffarel exprimiu-o muito bem, quando dizia: *“Comunidade de oração e comunidade missionária são como a frente e verso do casal, comunidade de amor... Como a cristandade, a família*

Vocação e Missão

degrada-se quando não mata a sede habitualmente no Evangelho. E para o casal como para Igreja, é sempre por um regresso ao Evangelho que uma renovação se opera. Porque o Evangelho, é Jesus Cristo que fala. E a palavra de Jesus Cristo é espírito e vida.”
(O matrimónio, caminho para Deus).

Deus chama-nos a viver este grande Amor; não podemos calar o que vivemos e temos o dever de seduzir os outros para este amor.

II. « Ter em conta as necessidades e valores da época em que vivemos » Um mundo em mudança interpela as ENS

Nós não estamos simplesmente numa época de mudanças, mas numa mudança de época. Assistimos à chegada de um novo sistema cultural que, embora partindo muitas vezes dos nossos próprios valores cristãos, parece distanciar-se deles, distorcê-los e questioná-los estruturalmente.

A sociedade atual não parece disposta a adaptar-se às verdades e aos costumes pré-estabelecidos. Pelo contrário, no mundo de hoje são as realidades vividas que interpelam as normas, pedindo-lhe justificações e respostas coerentes.

O nosso mundo está todavia longe do ideal cristão de um desenvolvimento humano integral e que respeite a criação para alcançar todos os povos da terra. O progresso económico e tecnológico global das últimas décadas foi acompanhado de desvios e desequilíbrios que acabam por afetar as famílias, tanto nos países desenvolvidos como nos mais pobres.

Assim, nós vivemos num mundo repleto de contradições e descontinuidades, cujo futuro não se prevê claramente. É precisamente por isso que nós devemos agir para que possamos transformá-lo.

Parecem assim urgentes as exortações da Igreja a enfrentar com esperança, audácia e alegria os desafios deste mundo em

Vocação e Missão

transformação, cheio de feridas e de frustrações, mas igualmente repleto de oportunidades e possibilidades. As Equipas de Nossa Senhora recebem com entusiasmo este apelo sempre renovado a deixar-se evangelizar pelo Espírito Santo para, por sua vez, se tornarem evangelizadoras. Mas se queremos ser apóstolos coerentes, devemos compreender com uma inteligência espiritual, quer dizer cultural e cristã, onde nos encontramos.

Do ponto de vista económico, estamos mergulhados na cultura da globalização dos meios de produção, dos hábitos de consumo e da informação. As oportunidades de criar trabalho e riqueza, não importa em que ponto do planeta, são acompanhados dum grande competitividade entre os estados e frequentemente dum diminuição da proteção social, dum exploração ilimitada dos recursos da terra e de práticas especulativas bem como de corrupção. Uma consequência de tudo isto é a situação de tensão permanente para grande parte da humanidade e o enorme aumento das migrações, livres ou forçadas. Estas são causa de dificuldades para desenvolver projetos estáveis do casamento e família, mesmo sendo fontes de riqueza e de oportunidades de acolhimento e de partilha por aproximarem as periferias das portas das nossas casas.

A globalização económica está associada à urbanização global. A concentração da população nas grandes cidades e a difusão generalizada da cultura urbana é a outra face do abandono dos territórios rurais e dos valores tradicionais. As cidades são os lugares privilegiados para a nova evangelização, mas exigem uma grande imaginação para criar espaços de encontro e de comunhão atrativos e motivadores para os seus habitantes.

O desenvolvimento do mundo atual está igualmente associado ao progresso tecnológico nos domínios da natureza, da vida e da comunicação. São sem dúvida progressos que permitem melhorar o bem-estar das pessoas, das suas condições de vida e da sua liberdade. Mas eles fomentam também sentimentos exagerados de autossuficiência e autossatisfação que impelem as pessoas de preocupar-se mais com o “*como*” do que com o “*porquê*” das suas decisões. É a cultura da eficácia e do utilitário: só tem valor o que é útil; não há limites éticos na manipulação da natureza desde que ela satisfaça os desejos individuais.

Do ponto de vista social, quando a competitividade e o consumo escondem um desprezo pela ética, e igualmente por Deus, passa-se à “*cultura do descartável e da não proteção.*” O ser humano fica reduzido à sua capacidade de produzir e consumir. Aquele que as não possui, não está abaixo ou na periferia da sociedade, ele está fora dela. Este estilo de vida, que exclui numerosas pessoas, desenvolveu no mundo uma globalização da indiferença; sem disso tomar consciência, somos como que anestesiados, perdemos a capacidade de ver e ajudar aquele que está ferido à beira do caminho.

Este abandono afeta igualmente os idosos, cujo número aumenta sem cessar, e fá-los correr o risco de serem considerados como um fardo. A sua dependência é mesmo, por vezes, explorada economicamente. A solidão torna-se insuportável para alguns deles, mesmo se alguns entre eles recebem amor e amparo da sua família, assim como o acolhimento e a atenção espiritual por parte da Igreja e dos seus Movimentos.

A cultura do descartável é também a cultura do desperdício, do “*usar e deitar fora*”, que prejudica a natureza e a qualidade de

Vocação e Missão

vida. Deus fala ao homem através da criação visível, e o que escutamos, em simultâneo com os lamentos dos abandonados, é o grito da nossa irmã Terra, maltratada como nunca, reclamando uma mudança de rumo. Deus colocou a sua Criação nas mãos dum casal, nós somos assim herdeiros e responsáveis pela resposta desta casa comum ao projeto de beleza e de plenitude que Ele tinha sonhado. Certamente, a pessoa está acima da natureza, mas se a Terra caminha para o seu fim e se a qualidade de vida dos nossos descendentes continua a deteriorar-se, a nossa mensagem sobre o amor e o casamento não encontrará mais nenhuma escuta atenta; as prioridades das pessoas serão outras.

Do ponto de vista das relações afetivas, conjugais e familiares, nós vemos muitas transformações positivas, mas também grandes contradições e ameaças. A indiferença geral gera uma falta de interesse pelo casal e pela família. As estruturas sociais apoiam menos do que antes a vida afetiva e familiar das pessoas. Os paradoxos são numerosos. Por um lado, muitos jovens sofrem com a falta de acesso à habitação e às necessidades básicas; as condições de trabalho precário dificultam a construção de um lar e o acolhimento à vida. Família e casa interligam-se mutuamente, e muitas vezes falta um dos dois. Por outro lado, esta mesma cultura da competitividade e do consumismo hedonista oferece a outros jovens tantas oportunidades que eles não se sentem inclinados ao compromisso de constituírem uma família

O modelo antigo de famílias caracterizadas pelo autoritarismo e os excessos de patriarcado desapareceram para revelar a verdadeira alma do matrimónio: **“O Amor”**. Entretanto a sociedade atual parece desvalorizar a riqueza da união monogâmica

entre um homem e uma mulher, alicerçada na indissolubilidade e na abertura à vida. Acrescentemos que hoje, na nossa sociedade, a palavra “*família*” cobre diversas realidades.

Além disso, o reconhecimento da igual dignidade da mulher e do homem avançou de uma maneira decisiva, se bem que persistam violências e práticas inaceitáveis e que surjam novas formas de exploração do corpo da mulher. A luta feminista, mesmo que legítima, leva muitas vezes a teorias extremas, irracionais e inquietantes, fundadas na negação das diferenças e da complementaridade natural entre os dois sexos e na vontade de impor autoritariamente a chamada “*ideologia do género*” segundo a qual a identidade sexual humana dependeria de opções individuais.

A exaltação do “*eu*” é igualmente um sinal dos nossos tempos. Podemos encontrar nele valores positivos no desejo de cultivar o que cada um tem de melhor e de conduzir em liberdade o seu próprio projeto de vida. Mas a falta de disciplina pessoal e de objetivos nobres pode levar à incapacidade de cada um se doar generosamente. Assim, a cultura do individualismo imiscui-se pouco a pouco na esfera familiar em seu detrimento. Se o “*eu*” prevalece sobre o “*nós*”, então o matrimónio e a família estão ao serviço do indivíduo e não o inverso; casal e família podem então construir-se e modificar-se segundo a sensibilidade e as necessidades individuais de cada um. É assim mais fácil justificar a falta de compromisso e as ruturas.

A cultura do descartável evocada anteriormente já não encoraja o amor verdadeiro assente na fidelidade; ela tem como consequência a rapidez com que as pessoas consomem as relações afetivas, passando facilmente de uma à outra. As crises do casal vivem-se de forma superficial, impaciente e egoísta. As ruturas dão

Vocação e Missão

lugar a novas relações e a novas uniões, criando, por sua vez, situações mais difíceis de compreender e de viver, especialmente para os filhos, situações problemáticas também no plano cristão.

O paradoxo é que, neste contexto, o desejo de uma união e de uma família estáveis permanece forte no fundo das pessoas e isto motiva a Igreja.

Do ponto de vista da religião a cultura individualista conduz ao relativismo moral e à relegação de Deus no domínio privado. Isso empobrece a vida pública e a sociedade que se privam de valores objetivamente bons para todos e descuidam a função de apoiar e guiar com clareza as pessoas face às grandes questões da existência, particularmente no plano ético. A Igreja de hoje deve superar essa falta.

O enfraquecimento da fé e da prática religiosa deixa as famílias mais sós perante as suas dificuldades. Muitas pessoas sofrem o inferno da solidão, provocada pela fragilidade das relações e a ausência de Deus nas suas vidas. Podem então deixar-se atrair por novas “propostas” religiosas, algumas com tendência para o fundamentalismo e outras propondo uma espiritualidade sem Deus. Estas propostas falaciosas encontram frequentemente eco favorável nas periferias e nas zonas mais pobres, onde as pessoas sofrem enormes carências e vivem no sofrimento.

Além disso, é necessário reconhecer com o Papa Francisco que *se uma parte da nossa população de batizados não participa nas atividades da Igreja, deve-se também à existência de certas estruturas e a um clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades.*

III. « Visualizar uma perspetiva..., a direção em que é preciso convidar o Movimento a prosseguir...»

Quais os desafios concretos a que o Movimento pode responder, e como?

Há um desafio primordial e um objetivo claro para a nossa missão: ajudar a descobrir e a viver a verdadeira natureza do amor humano que a cultura atual tende a desfigurar.

O capítulo quatro da Exortação Apostólica *“Amoris Laetitia”* mostra o esplendor do amor verdadeiro: um trabalho artesanal que se realiza nas inumeráveis sombras e luzes do quotidiano, lugar para amar de manhã à noite, assumindo e ultrapassando as suas imperfeições próprias e dos outros; uma realidade que se transforma ao longo da vida, sem perder a sua própria essência; um compromisso definitivo e duradouro que requer e provoca a união com Deus. Em conclusão, a nossa Missão é mostrar e oferecer um caminho de felicidade e de santidade.

As Equipas de Nossa Senhora sabem que o Senhor não deixa de dar-lhes a força e os meios necessários para avançarem confiantes nesta missão. Como o Papa Francisco dizia no seu discurso de 2015 aos responsáveis do Movimento, nós possuímos algo que devemos partilhar. Este foi certamente um apelo a colocar a pedagogia das Equipas ao serviço da sua missão: nela está a nossa força e o que podemos partilhar.

Vocação e Missão

Naturalmente, as Equipas de Nossa Senhora devem responder ao apelo da Igreja, partindo daquilo que são. Viver a missão a partir do nosso carisma significa realizá-la em casal, partilhá-la em equipa e apoiar-se na dinâmica e proteção do Movimento.

Nesta nova etapa, o Movimento assume conscientemente o sentido real da sua missão na Igreja e no mundo. Por isso, reafirma que o seu carisma é não só cultivar a espiritualidade conjugal, mas também garantir a promoção dum espírito missionário em cada membro, em cada equipa. Assim, e sem diminuir a liberdade e iniciativa individual de cada membro, o Movimento apoiará e encorajará, na sua organização e animação, programas concretos de acompanhamento de casais em situações novas, encontradas na sociedade contemporânea. Essa é a contribuição concreta que podemos dar à Igreja e ao mundo de hoje, pois é a nossa força.

Como poderemos concretizar ainda mais este espírito e esta nova dinâmica missionária?

Deixemo-nos inspirar pelas palavras chave que insistentemente o Papa Francisco nos recorda: ***discernir, acolher, acompanhar.***

III-1 Discernir e Acolher

Acolhimento : palavra esta que é parte da identidade do Movimento expressa na Carta fundadora. O Padre Caffarel em *“Matrimónio, este grande sacramento”* falava do mistério da hospitalidade cristã, função muito importante na vida e ao crescimento da Igreja. O casal ou a pequena comunidade que o

acolhe na sua intimidade, por tempo mais ou menos longo, oferece não só calor humano, mas também a irradiação do seu amor e a própria existência de Cristo. Assim “*o não crente ou o pouco crente, o infeliz, o abandonado, o pecador, vão encontrar a grande Igreja, familiarizar-se com ela e orientar-se através dos sacramentos e da liturgia.*” Na perspetiva da nova evangelização, é vital manter este espírito de acolhimento no seio das Equipas de Nossa Senhora e praticá-lo sem esquecer que o Senhor recebe em sua casa e não na casa do vizinho.

O Colégio Internacional reunido em Florianópolis em 2017 desejou acolher com empatia e de maneira pragmática, no quadro do carisma próprio às Equipas, a palavra do Papa Francisco, expressa na ***Amoris Laetitia***. Assim, não somente o mundo, mas também a Igreja interpela as ENS, porque o nosso carisma está ao seu serviço.

A ideia de uma “***Igreja em saída***” que o Papa Francisco promoveu associa-se a um sentimento da prática do acolhimento que profeticamente o Padre Caffarel tinha já visto: “*quem tem esse apreço pela hospitalidade não esperará que lhe venham bater à porta, apressa-se a convidar. É a primeira manifestação da virtude da hospitalidade. A intuição do coração faz descobrir sem dificuldade a quem deve dirigir-se o convite.*” (Matrimónio, esse grande Sacramento).

No seu discurso às Equipas de Nossa Senhora (Roma 2015), o Papa Francisco incitou-nos em primeiro lugar a praticar e a viver em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade conjugal. Mas lembrou-nos igualmente que esta espiritualidade, se não é missionária, fica a meio do caminho. Recebemos muito de Cristo e da Igreja nas Equipas e, por isso, o Movimento sente-se

Vocação e Missão

irresistivelmente enviado para o exterior no sentido de testemunhar e transmitir o que recebeu. Como o desejava o Padre Caffarel, as Equipas devem ser esta “*força de choque*” duma Igreja que sai do seu próprio conforto ao encontro dos mais necessitados.

É um apelo comunitário e um apelo pessoal: a Nova Evangelização implica o envolvimento de cada membro das equipas, e não só de responsáveis qualificados. A consciência dos nossos limites será um estímulo constante para não se ficar na mediocridade e para se prosseguir rumo à santidade: a missão abre um caminho de formação e maturidade.

Tudo isto pode significar **um novo fôlego e um novo espírito na difusão do Movimento**. Com efeito, no contexto da Nova Evangelização, importa dar a conhecer ao maior número possível de países as riquezas do casamento cristão. Sabemos como a pedagogia das Equipas de Nossa Senhora é um fermento para fazer evoluir positivamente a relação homem-mulher.

Hoje a internacionalidade, a diversidade étnica e cultural, as diferenças socioeconómicas, as comunidades ligadas a outros ritos católicos estão à porta das nossas casas, ou, não longe, num quarteirão vizinho. É tempo de fazer cair numerosas barreiras na expansão do Movimento e na difusão da Boa Nova que o acompanha. Quando procuramos integrar um novo casal na nossa equipa, ou quando planificamos a difusão ou informação das ENS no nosso Sector, saímos para procurar somente aquele que é como nós, ou consideramos a hipótese de acolher um estrangeiro? Muitas vezes somos pescadores nas águas que nos são familiares e tememos ir pescar nos mares que conhecemos mal!

Como aumentar a nossa capacidade de acolhimento, respeitando sempre o carisma do Movimento e os seus Estatutos Canónicos? Não existe uma resposta simples, mas nós sabemos, pela biologia, que uma célula sã necessita dum núcleo forte e uma membrana porosa que permita as permutas de experiências em certas situações. Os apelos da Igreja não permitem ás Equipas de Nossa Senhora continuar a viver abrigadas numa fortaleza:

Os Estatutos Canónicos das Equipas de Nossa Senhora marcam as regras a respeitar no acolhimento de novos membros, as quais delimitam um perfil preciso na noção de pertença ao Movimento. Ao mesmo tempo, o Movimento deve agir com um espírito de discernimento, misericórdia, prudência e caridade quando se confronta com situações particulares. É conveniente analisar cada uma dessas situações, caso a caso, com amor, nunca perdendo de vista o carisma fundador. Conforme o capítulo oito da ***Amoris Laetitia***, este tipo de acolhimento sugere um acompanhamento que poderá conduzir eventualmente a uma certa participação na dinâmica do Movimento. Na perspetiva da Vocação e da Missão das Equipas, esta resposta é compatível com o nosso Carisma da espiritualidade conjugal, se reconhecermos que existe alguma coisa da espiritualidade conjugal em cada casal, homem e mulher, que se compromete num verdadeiro amor e na verdadeira busca de Deus.

O discernimento na capacidade de acolher evoca o mistério do nosso Deus, eterno e infinito, que se torna o mais pequeno, para nos alcançar a todos com a sua misericórdia.

III-2 Discernir e Acompanhar

O Papa Francisco assinala antes de tudo o grande desafio cultural, espiritual e educativo, pondo em prática uma conversão integral rumo a uma vida plenamente cristã, praticando um outro estilo de vida. A família é o lugar privilegiado para concretizar esta conversão: ela é o lugar onde a vida é acolhida e protegida; nela cultivamos as primeiras centelhas do amor, da partilha e do respeito por todos; nela se pratica a hospitalidade... Nesta base, a Igreja sublinha com insistência a necessidade de fortalecer a educação dos filhos e de ultrapassar os obstáculos para a transmissão da fé em família.

A família é o lugar ideal para o diálogo e a permuta entre gerações. Os jovens têm uma sensibilidade nova e um espírito generoso, muitos lutam admiravelmente por um mundo mais justo e mais aberto; eles podem ajudar-nos a retomar alguns caminhos essenciais de conversão e de missão que a Igreja nos recomenda:

- Desenvolver uma consciência ecológica que conduz a um estilo de vida mais simples, mais humilde e solidário.
- Ultrapassar a desconfiança, as atitudes defensivas e abrir caminho para ir ao encontro dos outros para além das fronteiras da diversidade porque lá também sopra o Espírito.
- Promover o respeito e a dignidade da pessoa e o exercício ético e responsável da liberdade, particularmente no domínio das relações afetivas e sexuais.

A Igreja reconhece *que os casais cristãos pela graça do sacramento do matrimónio, são os principais agentes da pastoral familiar*. Não se trata de expor teorias nem de impor doutrinas, mas de mostrar a partir da experiência dos atrativos do amor conjugal e familiar, que respondem aos anseios mais profundos do ser humano e são o antídoto contra a egolatria que invade hoje o mundo.

Nós, cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio, temos a experiência de que, se permanecermos unidos a Cristo, o amor é mais forte que todas as mortes que um casal pode conhecer. Nós sabemos bem que o casal é um processo que avança gradualmente graças à integração progressiva dos dons de Deus. É a alegria e a esperança que podemos transmitir.

A palavra chave é “**acompanhar**”. O Papa Francisco insiste na necessidade de praticar “**a arte do acompanhamento**” nos caminhos de aperfeiçoamento. Nós, as Equipas, somos já iniciados nesta arte que implica discernimento, acolhimento, escuta, compaixão, cuidado, paciência, reciprocidade... Nós somos chamados pela Igreja a acompanhar especialmente os momentos de grande fragilidade: o caminho até ao compromisso firme e durável; os primeiros anos de vida em casal; as etapas de crise e de dificuldades; as situações complexas causadas por ruturas, abandonos e incompreensões.

III-3 Praticar «a arte do acompanhamento»

No âmbito da educação e da transmissão da fé

um dos desafios fundamentais que se coloca às famílias de hoje é seguramente o da educação, que se tornou mais exigente e complexa devido à situação cultural atual e à grande influência dos meios de comunicação. A transmissão da fé que parecia noutros tempos ser natural, tornou-se hoje problemática, num mundo dessacralizado e materialista, onde tudo é questionado. As Equipas de Nossa Senhora devem ocupar-se desta questão e ajudar os pais pertencentes às equipas na educação dos seus filhos. Elas são chamadas a colaborar, por uma ação pastoral adequada, a fim de que os pais, eles próprios, possam cumprir a sua missão educativa.

Como se faz já nalguns casos, seria útil que nas jornadas de Setor e noutros encontros, propor simultaneamente atividades de tipo religioso para os filhos. Aquando dos retiros, por exemplo, porque não convidar, como se faz em certos Setores, os filhos dos casais das equipas a terem momentos de oração. Os encontros educativos com os filhos podem ser facilitados pelas técnicas de comunicação e de divertimento, cada vez mais sofisticadas. As crianças têm necessidade de símbolos, de gestos, de histórias. Os adolescentes entram geralmente em conflito em relação à autoridade e às normas; convém então encorajar as suas próprias experiências de fé e apresentar-lhes testemunhos luminosos que se imponham unicamente pela sua beleza. A revitalização das Equipas de Jovens de Nossa Senhora seria a sequência lógica desta atenção aos mais jovens.

O Padre Caffarel exaltava a virtude do exemplo; para ele, as famílias missionárias não só davam filhos missionários, mas eram a

origem de inúmeras vocações. Hoje, sendo a transmissão da fé muito mais difícil para as famílias, as Equipas de Nossa Senhora, como todas as comunidades da Igreja, devem ter a preocupação de dar ajuda aos pais. A fraternidade que nos une impõe-nos esse dever.

No âmbito da preparação para o casamento e seu acompanhamento

A primeira missão das Equipas de Nossa Senhora é, evidentemente, irradiar a boa nova do matrimónio. Desde há muito tempo muitos membros das equipas trabalham nos Centros de Preparação para o Matrimónio, mas o sentimento expresso pelo Padre Caffarel durante a sua conferência em Chantilly em 1987 merece uma reflexão. Dizia ele: *“Eu não penso que as Equipas de Nossa Senhora deveriam dirigir a preparação para o matrimónio, mas penso que as ENS deveriam ter Centros de Preparação para o Matrimónio que fossem referência para os outros centros, a partir justamente da espiritualidade que tinham descoberto.”*

Uma reflexão impõe-se também para imaginar e criar, inspirados sempre na pedagogia do Movimento, módulos ou percursos que pudessem ser propostos a jovens casais acabados de casar que tivessem o desejo de um acompanhamento nos primeiros anos do seu casamento, sem que fossem obrigados a integrar um movimento. O Papa Francisco exprimiu bem esta necessidade na **Amoris Laetitia**. *“Tanto a preparação próxima como o acompanhamento mais prolongado devem procurar que os noivos não considerem o matrimónio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis. Tanto a pastoral pré-matrimonial como a*

Vocação e Missão

matrimonial devem ser, antes de mais nada, uma pastoral do vínculo, na qual se ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor, quer a superar os momentos duros. Estas contribuições não são apenas convicções doutrinárias, nem se podem reduzir aos preciosos recursos espirituais que a Igreja sempre oferece, mas devem ser também percursos práticos, conselhos bem encarnados, estratégias tomadas da experiência, orientações psicológicas. Tudo isto cria uma pedagogia do amor, que não pode ignorar a sensibilidade atual dos jovens, para conseguir mobilizá-los interiormente.” (AL 211)

As Equipas de Nossa Senhora não podem ignorar, no mundo de hoje, todos esses jovens que não ousam escolher a via do compromisso matrimonial e preferem viver em situação de “união de facto”. As suas razões são múltiplas. É da nossa responsabilidade aproximarmos-nos deles para, sem julgamentos nem proselitismo, lhes explicar porque razão, ao contrário do que é propagado hoje, o casamento cristão é um caminho de felicidade. Graças à pedagogia utilizada nas Equipas de Nossa Senhora, é possível levá-los a caminhar não somente para o matrimónio, mas suscitar neles o desejo de ir mais longe num caminho de fé. Várias experiências existem, tais como “as Equipas Tandem” em França ou “Mas Pareja” na Colômbia ou “as Experiências Comunitárias” no Brasil. Basta adaptá-las e enriquecê-las segundo a realidade e a cultura de cada país.

A implicação dos responsáveis do Movimento ao nível da pastoral nas dioceses deve ser forte. É um desafio que nos é lançado, se desejamos que o nosso Movimento seja fecundo “*para o exterior*” e dê frutos.

No âmbito das crises do casal Sabemos também que hoje, nenhum país está livre do que chamamos em geral “*a crise do casal*” que surge muitas vezes nos primeiros anos de vida em comum... Esta crise será uma fatalidade, perante a qual não há nada a fazer? Se as Equipas de Nossa Senhora pensam que não, então é necessário que atuem.

Enquanto “especialistas do casal” não terão elas um papel a desempenhar numa sociedade que atualmente não propõe senão a separação e o divórcio como saída, para a crise do casal? Para alcançar esse objetivo é mais que necessário o empenhamento numa verdadeira pastoral de acompanhamento, além sem dúvida das propostas já existentes que convém encorajar e desenvolver quando possível. Não poderão as Equipas de Nossa Senhora propor soluções de acompanhamento dos casais, em ligação com os profissionais do assunto, antes que a crise se torne irremediável? Não é possível dar o testemunho da grandeza do casal, da sua riqueza, da sua beleza e da sua perenidade, apesar das tempestades que, muito naturalmente, o agitam?

Ao longo dos tempos, as Equipas de Nossa Senhora souberam suscitar propostas para responder às situações colocadas pelas diversas circunstâncias da vida do casal. Em todos os casos, as ENS procuraram fazer de maneira que, através das inevitáveis crises, a união dos cônjuges em questão fosse sólida, durável e vivida na Fé.

Aprender a antecipar a crise antes que ela se torne irremediável seria certamente uma boa base de discernimento. As Equipas de Nossa Senhora têm competência para inventar e criar nesta matéria. Certos países tiveram iniciativas muito interessantes que merecem ser conhecidas e difundidas num maior número

Vocação e Missão

possível de países. Assim os membros da Equipas de Nossa Senhora podem ser convidados a seguir uma formação de conselheiros conjugais para poderem ajudar, de maneira mais eficaz, os casais em crise, cuja separação poderia, em numerosos casos, ser evitada. O Padre Caffarel tinha aliás, lançado já esta mesma ideia no seu Discurso de Chantilly: *“eu desejaria que as Equipas de Nossa Senhora tivessem conselheiros conjugais e, não pretendendo um monopólio que o façam de modo a que tenham como referência o carisma fundador.”*

Em certos países, os responsáveis organizam regularmente, ao longo de todo o ano, nos locais onde é possível, conferências abertas a todos sobre temas que tratam do casal e da família. Duas vantagens: as Equipas de Nossa Senhora abrangem os que estão fora das equipas e, assim, podem ajudar a encontrar respostas às questões postas pela sociedade (educação, ética, sexualidade, antropologia do amor, do casal...).

Esta ajuda poderia aliás ser alargada a zonas mais remotas ou mais desfavorecidas, graças aos diferentes meios de comunicação que hoje temos à disposição.

Neste mesmo espírito, o Movimento, a diferentes níveis, poderia criar equipas suscetíveis de intervir sobre um ou outro assunto.

No âmbito dos casais que constituíram uma nova união De igual modo, o problema dos casais separados ou divorciados que constituíram uma nova união que desejam durável e vivida na fé, não pode ser ignorado. Há vários anos que os Papas e os Bispos nos desafiam a ter em atenção esta situação. O discurso do Papa Francisco dirigido às Equipas de Nossa Senhora em 2015 foi

muito claro a este respeito. *“Importa que possais levar o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir nas situações concretas das pessoas, a acolhê-las com as suas feridas, e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar de Cristo Bom Pastor, para ocuparem o seu justo lugar na vida da Igreja.”* Em França, as equipas “Reliance” são uma proposta, mas ainda é necessário avançar neste campo,, se queremos que muitos mais casais possam experimentar a misericórdia de Deus.

É claro que todas essas propostas para serem eficazes não podem ser individuais ou elaboradas sem o apoio de conselheiros espirituais. A missão de ajudar a renovação da fé, pertence aos conselheiros espirituais: *“É impossível dissociar a missão do padre da missão de Cristo; ela prolonga-a e perpetua-a ao longo dos séculos”*. (Padre Henri Caffarel). É necessário que o Movimento, ao nível dos Setores ou das Regiões, conforme os casos, criem grupos de reflexão, lancem experiências e estejam em estreita relação com as dioceses, que nos parecem ser o nível mais adequado para permitir uma boa difusão.

No âmbito dos idosos O nosso Movimento deve adaptar-se ao mundo moderno sem deixar de lado os anciãos. A solidão de que sofrem deve merecer a nossa atenção. As iniciativas serão essencialmente imaginadas e concretizadas no terreno, em função das expectativas expressas. É um desafio para todos nós.

Marie d’Amonville, viúva de Luís, casal antigo colaborador do Padre Caffarel, propõe, para ajudar todos aqueles que desejam viver este período, criar em todos os locais onde for possível, um novo Movimento, denominado *“A vida diante de nos”*, diretamente

Vocação e Missão

ligado às Equipas de Nossa Senhora, a fim de viver como um momento de graça a preparação para a “*grande passagem*”.

O nascimento deste novo movimento é seguramente a prova de que o carisma fundador é fecundo e atuante. É, ainda, necessário tempo para reflexão e discernimento e reservar espaços para esse efeito se queremos verdadeiramente encontrar respostas aos desafios do nosso mundo.

No âmbito da reflexão espiritual e da sua difusão No Colóquio sobre o pensamento do Padre Caffarel, realizado no Colégio Bernardin em Paris, em Dezembro de 2017, a Irmã Fernanda Barbiero salientava na sua conferência sobre a revista “*L’Anneau d’Or*” o papel essencial que esta revista desempenhou no universo espiritual do seu tempo. A conferencista concluía dizendo que “*L’Anneau d’Or*” abriu caminhos que estão ainda por percorrer. Assim, esta revista, para além do seu papel de elo de ligação dos membros das ENS do momento, abriu perspectivas que seria tempo de alargar e atualizar nos dias de hoje.

Não seria necessário, neste período de profunda mutação, abrir um espaço de reflexão e de criação capaz de suscitar nos nossos contemporâneos um interesse e uma convicção em torno deste assunto da espiritualidade conjugal no limiar deste terceiro milénio?

Claro que os meios utilizados não teriam muito a ver com os de *L’Anneau d’Or*; conviria mobilizar todos os meios de comunicação moderna, permitindo tocar os membros das equipas de maneira muito direta e personalizada, assim como talvez públicos mais alargados.

Este objetivo poderia fazer parte dos espaços de reflexão e criação dos Responsáveis do Movimento e, mais amplamente, do conjunto dos membros das equipas que nele encontrarão uma dimensão essencial da sua vocação missionária.

Conclusão

O futuro das Equipas de Nossa Senhora será sempre assente numa maior comunhão. Não será senão seguindo a lógica do Amor e do dom que podemos atingir esta comunhão nas diferentes esferas da nossa vida, no seio do Movimento e da Igreja. Os membros das Equipas de Nossa Senhora participam à sua maneira na função profética, sacerdotal e real de Cristo na Igreja e no mundo.

Evangelizar não é um convite facultativo, mas um dever constante. *“Evangelizar, é reconhecer-se na Igreja missionária.”* É reconhecer o apelo de Deus.

Chegou o momento das Equipas de Nossa Senhora se sentirem capazes de aceitar e de responder às grandes interpelações do mundo, dando um sentido á sua existência, graças à sua identidade e à sua especificidade missionária que conduzem cada casal a comprometer--se com toda a responsabilidade na Missão.

A Missão do Movimento é formar, enquadrar e motivar os casais a serem agentes da Boa Nova no mundo em que vivemos para anunciar os valores do Evangelho no seio do casal e da família, pilares que suportam a ponte que temos de atravessar e que nos

Vocação e Missão

impõem cada vez mais um empenhamento baseado na estabilidade do amor.

Recrear e adaptar os meios de formação, garantindo a fidelidade ao nosso carisma, afim de podermos dar resposta aos desafios concretos dos nossos dias: eis o primeiro passo a dar.

As ENS podem trazer à *“Igreja em saída”*, segundo a expressão do Papa Francisco, uma ação evangelizadora de incalculável dimensão. As ENS não podem, por isso, limitar-se a uma espiritualidade individualista, mas devem realizar-se numa perspetiva pastoral que é indispensável para a transformação do mundo.

Se, por todo o mundo, iluminarmos o matrimónio e a família com a verdadeira luz do Evangelho, um novo caminho se abrirá que será motivo de esperança e de alegria para todos.

O nosso Movimento não pode ficar reduzido à estrita observância dos Pontos Concretos de Esforço, sem se dar ao trabalho de olhar à sua volta para ver de quem deve ***“fazer-se próximo”***. Com efeito, mesmo que respeitem os Pontos Concretos de Esforço, os casais perdem por vezes de vista a verdadeira exigência da vida cristã (Fé e Acção). O Padre Caffarel nunca separou a nossa vocação da nossa missão. Ele dizia que era preciso ter sempre em conta estes dois aspetos. Saibamos fazer nossas as palavras pronunciadas no fim de cada missa: *“Ide servir o Senhor”*.

Concluimos com o Padre Caffarel: ***“Mais amor nos lares, mais caridade nas equipas e mais dinamismo missionário...”***

Dado às Equipas de Nossa Senhora
pele Equipa Responsável Internacional
em Fátima, 20 de Julho de 2018



